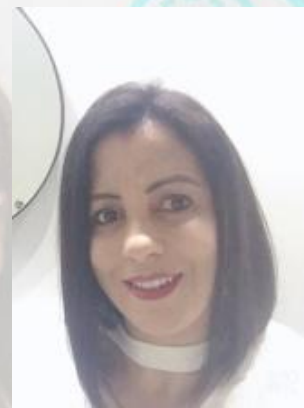


A INFLUÊNCIA DE CONFÚCIO E LAO-TSÉ NO PENSAMENTO FILOSÓFICO CHINÊS

THE INFLUENCE OF CONFUCIUS AND LAOTZE ON CHINESE PHILOSOPHICAL THOUGHT

RUTE MARIA SALVINO

Graduação em Pedagogia pela Faculdade Cruzeiro do Sul ano de 2015; Psicopedagogia pela Faculdade Cruzeiro do Sul ano de 2019; Professora de Educação Infantil no CEMEI Carmelo Cali.



RESUMO

Duas figuras icônicas foram responsáveis por moldar o pensamento filosófico chinês, Confúcio e Lao-Tsé. Sendo assim, este estudo tem o objetivo de explorar o impacto das doutrinas confucionista e taoísta, suas convergências e divergências, bem como a influência de ambas ao longo da história chinesa e no pensamento contemporâneo. Este estudo é uma revisão bibliográfica. Verifica-se que, interessante, apesar das suas particularidades, ambas as filosofias são complementares, e dão desígnios para a identidade cultural chinesa.

Palavras-chave: Confúcio; Lao-Tsé; Filosofia Chinesa; Desenvolvimento Humano.

ABSTRACT

Two iconic figures were responsible for shaping Chinese philosophical thought, Confucius and Lao-Tsé. Therefore, this study aims to explore the impact of Confucian and Taoist doctrines, their convergences and divergences, as well as the influence of both throughout Chinese history and in contemporary thought. This study is a literature review. Interestingly, despite their particularities, both philosophies are complementary and provide designs for Chinese cultural identity.

Keywords: Confucius; Lao-Tsé; Chinese Philosophy; Human

INTRODUÇÃO

Duas figuras icônicas foram responsáveis por moldar o pensamento filosófico chinês, Confúcio e Lao-Tsé. Para Confúcio a ênfase filosófica estava voltada para a ordem, moralidade e estrutura social. Já Lao-Tsé considerava uma filosofia baseada em um caminho mais fluido e harmonioso ligado à natureza. Desta forma, este estudo tem o objetivo de explorar o impacto das doutrinas confucionista e taoísta, suas convergências e divergências, bem como a influência de ambas ao longo da história chinesa e no pensamento contemporâneo. Este estudo é uma revisão bibliográfica.

DESENVOLVIMENTO

A FILOSOFIA DE CONFÚCIO

De 770 a 220 a.C., a China viveu uma era de grande desenvolvimento cultural. As filosofias surgidas nessa época ficaram conhecidas como as Cem Escolas de Pensamento. Por volta do século VI a.C. a dinastia Chou entrou em declínio, saindo da estabilidade do Período da Primavera e Outono para o chamado Período dos Reinos Combatentes. Foi nesse contexto que nasceu Kong Fuzi, o mestre Kong, ou Confúcio. Como outros filósofos da época, como os gregos Tales, Pitágoras e Heráclito, Confúcio buscou o que poderia haver de constante num mundo de mudanças. Para ele, isso equivalia a valores morais que capacitassem os governantes a atuarem de forma justa (HANSEN, 1992).

"Aquele que genuinamente se preocupa em promover o bem para os outros está, ao mesmo tempo, garantindo para si mesmo um futuro mais harmonioso e justo."
(CONFÚCIO, 2018, p. 53).

Diferentemente de muitos dos antigos filósofos chineses, Confúcio mirava o passado em busca de inspiração. Conservador por natureza, tinha grande respeito pelo ritual e pelo culto aos ancestrais - ambos foram mantidos pela dinastia Chou, cujos governantes receberam a autoridade dos deuses por meio do chamado Mandato Divino (NIVISON, 1996).

Uma rígida hierarquia social existia na China, mas Confúcio fazia parte de uma nova classe de eruditos que atuavam como conselheiros nas cortes. Essa elite de servidores públicos alcançara seu status não por herança, mas por mérito. Foi a integração de Confúcio dos velhos ideais com a emergente meritocracia que produziu sua nova e singular filosofia moral (YU, 2008).

"A humildade deve ser a base sólida sobre a qual todas as virtudes se constroem, pois sem ela, o verdadeiro crescimento moral não é possível." (CONFÚCIO, 2013, p. 76).

A grande fonte disponível para os ensinamentos de Confúcio está nos Analectos, coleção de fragmentos de seus textos e frases compilada por discípulos. É basicamente um tratado político composto de aforismos e anedotas que, juntos, formam uma espécie de manual de regras para o bom governo, embora o uso da palavra junzi ("cavalheiro") para denotar um homem superior, virtuoso, também indique o interesse social por parte de Confúcio. De fato, muitas passagens dos Analectos se assemelham a um livro de etiqueta. Mas considerar a obra um mero tratado social ou político é não perceber seu ponto central: no cerne, trata-se de um amplo sistema ético (MOELLER, 2004).

"O verdadeiro homem sábio não busca a aprovação ou validação dos outros, pois sabe que a verdadeira força e crescimento vêm de dentro de si mesmo." (CONFÚCIO, 2019, p. 45).

Antes do surgimento das Cem Escolas de Pensamento, o mundo tinha sido explicado pela mitologia e pela religião, e o poder e a autoridade moral eram geralmente aceitos como dádiva dos deuses. Confúcio manteve silêncio em relação aos deuses, mas frequentemente se referiu ao tian, ou Céu, como a fonte da ordem moral. De acordo com os Analectos, nós, humanos, somos agentes escolhidos pelo Céu para personificar sua vontade e para unir o mundo com a ordem moral uma ideia em sintonia com o pensamento tradicional chinês. No entanto, o que rompe com a tradição é a crença de Confúcio de que a virtude (de) não é um presente do Céu para as classes governantes, mas pode ser cultivada por qualquer indivíduo. Tendo ele mesmo sido elevado a ministro da corte Chou, Confúcio acreditava que era dever das classes médias, e dos governantes, empenhar-se para agir com virtude e benevolência (ren) a fim de alcançar uma sociedade justa e estável (SHUN, 2004).

Para conciliar uma sociedade estruturada num sistema rígido de classe com sua crença pessoal de que todos os homens podem receber a bênção do Mandato Divino, Confúcio argumentou que o homem virtuoso não é o que está no topo da hierarquia social, mas, sim, aquele que compreende seu lugar dentro dessa hierarquia e o aceita. Para definir os vários meios de atuação em conformidade com de ele se volta para valores tradicionais chineses: zhong (fidelidade), xiao (piedade filial), li (rituais apropriados) e shu (reciprocidade). A pessoa que observasse sinceramente esses valores era chamada por Confúcio de junzi o cavalheiro, no sentido de homem de virtude, estudioso e praticante das boas maneiras (LESTER, 2017).

Os valores do de habitavam o seio das classes governantes, mas tinham se tornado pouco mais do que gestos vazios no mundo em desintegração da dinastia Chou. Confúcio tentou persuadir os governantes a retomar esses ideais e a restaurar um governo justo. Ele também pregava o poder da benevolência, argumentando que governar pelo exemplo, e não pelo medo, inspiraria as pessoas

a seguir uma vida virtuosa. O mesmo princípio, ele acreditava, deveria governar os relacionamentos pessoais (ZHANG, 2015).

“Se todos os dias você adicionar um pequeno esforço, mesmo que pareça insignificante, com o tempo construirá algo grandioso e duradouro.” (CONFÚCIO, 2018, p. 87).

Em sua análise sobre os relacionamentos, Confúcio se valeu de *zhong* a virtude da fidelidade como princípio-guia. Inicialmente, ele ressalta a importância da fidelidade de um ministro a seu soberano. Então, mostra que uma relação similar existe entre pai e filho, marido e esposa, irmão mais velho e irmão mais novo e entre amigos. A ordem na qual ele dispõe isso é significativa: primeiro, a fidelidade política; depois, à família e ao clã; e, por último, a amigos e estranhos. Para Confúcio, essa hierarquia reflete o fato de que cada pessoa deve conhecer sua posição na sociedade como um todo, assim como saber seu lugar na família e no clã (CHENG, 2019).

O aspecto de "saber o seu lugar" é exemplificado pelo *xiao*, a piedade filial, que para Confúcio era muito mais do que apenas respeito aos pais e aos mais velhos. Trata-se do que há de mais próximo de ideias religiosas dentro dos *Analectos*, porque *xiao* está conectado com a tradição chinesa do culto aos ancestrais. Acima de tudo, *xiao* reforça a relação entre inferior e superior, ponto central do pensamento confucionista (FUNG, 1952).

É na insistência no *li*, os rituais, que Confúcio se revelou mais conservador. *Li* não se refere simplesmente a ritos como o culto aos ancestrais, mas também às normas que sustentam cada aspecto da vida chinesa contemporânea. Estas envolvem desde cerimônias como casamentos, funerais e sacrifícios até a etiqueta para receber convidados e oferecer presentes, além de simples gestos cotidianos de cortesia, como a medida e a forma de dirigir a palavra. Trata-se, de acordo com Confúcio, dos sinais externos de um de interno, desde que realizados com sinceridade o que ele considerava ser o caminho do Céu. Por meio da demonstração visível de lealdade com sinceridade íntima, o homem superior poderia transformar a sociedade (MOELLER, 2004).

Para Confúcio (2021), a sociedade podia ser modificada pelo exemplo. Ele escreveu: "A sinceridade torna-se visível. Sendo visível, ela se torna manifesta. Sendo manifesta, torna-se brilhante. Afetando outros, eles são modificados por ela. Modificados por ela, eles são transformados. Apenas aquele que é possuído pela mais completa sinceridade existente sob o Céu pode transformar" (CONFÚCIO, 2021, p. 12).

Aqui, um Confúcio menos conservador elucida que o processo de transformação pode funcionar em duas direções. O conceito de *zhong* (fidelidade) também implica "consideração pelos outros". Ele assume a perspectiva de que se pode aprender a se tornar um homem superior; primeiramente, reconhecendo o que não se sabe (uma ideia que teve eco um século depois com o filósofo grego Sócrates, que afirmava que sua sabedoria estava em aceitar que nada sabia); depois, observando outras pessoas: se elas mostram virtude, tente ser igual; se são inferiores, seja um guia para elas (SCHWARTZ, 1985).

"A essência do conhecimento verdadeiro está em saber aplicá-lo corretamente; se não o tiver, é melhor reconhecer sua própria ignorância do que fingir sabedoria." (CONFÚCIO, 2021, p. 56)

A noção de zhong como consideração pelos outros também está ligada ao último dos valores confucionistas ligados a de: shu, reciprocidade, ou "reflexo de si", que deve governar nossas ações em relação aos outros. A chamada Regra de Ouro, "faça como desejaria que fizessem a você", aparece no confucionismo como negativa: "o que você não deseja para si mesmo, não faça aos outros". A diferença é sutil, mas crucial: Confúcio não prescreve o que fazer, apenas o que não fazer, enfatizando a abstenção, em vez da ação. Isso implica modéstia e humildade, valores mantidos em alta consideração na sociedade chinesa e que, para Confúcio, expressam nossa verdadeira natureza. Fomentar tais valores é uma forma de fidelidade consigo mesmo e expressa outro tipo de sinceridade (SIVIN, 2005).

Confúcio teve pouco êxito em persuadir os governantes contemporâneos a adotar suas ideias. Voltou sua atenção, então, para o ensino. Seus discípulos, incluindo Mêncio (Meng Zi), continuaram a reunir e expandir seus textos, que sobreviveram à repressora dinastia Qin e inspiraram um revival de confucionismo na dinastia Han do início da era cristã. Desde então, o impacto das ideias de Confúcio foi profundo, inspirando quase todos os aspectos da sociedade chinesa, da administração à política e à filosofia. O taoísmo e o budismo também floresceram na época de Confúcio, substituindo as crenças tradicionais (SCHWARTZ, 1985).

Confúcio não opinou sobre elas, mantendo-se em silêncio sobre deuses, não obstante influenciou aspectos das duas novas religiões.

Uma escola neoconfucionista revitalizou o movimento no século IX e alcançou o auge no século XII, quando sua influência foi sentida ao longo do sudeste asiático, Coreia e Japão. Embora missionários jesuítas tenham levado as ideias de Kong Fuzi para a Europa (latinizando seu nome para Confúcio) no século XVI, o confucionismo era estranho para o pensamento europeu e teve pouca influência até que traduções de sua obra aparecessem no final do século XVII (SHUN, 2004).

"Ao observar um homem virtuoso, devemos tentar nos inspirar em seus atos; ao ver alguém sem virtude, devemos refletir sobre nossos próprios erros e corrigi-los." (CONFÚCIO, 2014, p. 112).

Apesar da queda da China imperial em 1911, as ideias de Confúcio continuaram como base de muitas das convenções morais e sociais chinesas, ainda que desaprovadas oficialmente. Em anos recentes, a República Popular da China tem demonstrado renovado interesse em Confúcio, integrando suas ideias com o pensamento moderno chinês e a filosofia ocidental num híbrido conhecido como "novo confucionismo" (LESTER, 2017).

Vale destacar que foi durante a dinastia Song que o erudito Zhu Xi (1130-1200 d.C.) incorporou os elementos do taoísmo e do budismo no confucionismo, criando uma religião também conhecida como neoconfucionismo. Confúcio não foi o primeiro sábio chinês a contemplar as verdades eternas, e ele próprio admite não ter inventado nada, mas simplesmente estudado as ideias de antigos pensadores, compilando-as em cinco livros: os Cinco Clássicos. Na dinastia Zhou ocidental (1050-771 a.C.), os estudiosos eram bastante valorizados na corte, e no século VII a.C. surgiram as chamadas Cem Escolas de Pensamento. Confúcio viveu numa época de efervescência filosófica, mas também de grandes mudanças sociais, com a diminuição do poder dos imperadores Zhou e a ameaça à ordem social. O foco de Confúcio na ordem e na harmonia resultou de sua verdadeira preocupação com o possível colapso da sociedade. Os imperadores das últimas dinastias, como a Han (206 a.C.-220 d.C.), a Song (960-1279 d.C.) e a Ming (1368-1644 d.C.), reconheceram o valor dos ideais confucianos em manter a ordem social, e o confucionismo se tornou a religião oficial da China, o que causou forte repercussão na vida diária e no pensamento chinês até o século XX. O confucionismo foi atacado durante a Revolução Cultural por seu conservadorismo social, mas recentemente um novo confucionismo surgiu na China, mesclando ideias confucianas com pensamentos atuais chineses e filosofia ocidental. Embora Confúcio tenha desenvolvido sua filosofia com base em conceitos e práticas existentes, ele ficou conhecido por afirmar que os seres humanos são naturalmente bons - só precisam aprender a utilizar suas virtudes que essa bondade não se restringe à aristocracia (ZHANG, 2015).

AS CONCEPÇÕES DE LAO TSÉ

No século VI a.C., a China avançou para um estado de guerra interna quando o governo da dinastia Chou desintegrou-se. Essa mudança criou, dentro das cortes, uma nova classe social de administradores e magistrados, encarregados de planejar estratégias para governar de maneira mais eficaz. O amplo conjunto de ideias criadas por esses funcionários tornou-se conhecido como as Cem Escolas de Pensamento (YU, 2008).

"Se deres um peixe a um homem, ele terá comida por um dia; se o ensinares a pescar, ele terá comida para toda a vida." (LAO-TSÉ)

Isso coincidiu com o surgimento da filosofia na Grécia, com a qual se partilhou de algumas preocupações, como buscar estabilidade num mundo em constante mudança e alternativas ao que anteriormente fora determinado pela religião (HANSEN, 1992).

Mas a filosofia chinesa evoluiu a partir da prática política e, portanto, estava preocupada com moralidade e ética, em vez da natureza do cosmos.

Uma das ideias mais importantes dessa época veio do Tao Te Ching (O livro do caminho e da virtude), atribuído a Lao-Tsé. Foi uma das primeiras tentativas de propor uma teoria de governo justo, baseada no te (virtude), que poderia ser encontrado ao seguir o tao (caminho). É a base da filosofia conhecida como taoísmo (NIVISON, 1996).

A fim de entender o conceito de tao é necessário saber como os antigos chineses viam o mundo em mutação para eles, as mudanças são cíclicas, movendo-se continuamente de um estado para outro da noite para o dia, do verão para o inverno, e assim por diante. Os diferentes estados não eram considerados opostos, mas relacionados, um surgindo do outro. Tais estados também possuiriam propriedades complementares que juntas compõem um todo. O processo de mudança seria uma expressão do tao, conduzindo às 10 mil manifestações que formam o mundo. Lao-Tsé, no Tao Te Ching, diz que os humanos são apenas uma dessas manifestações e não têm status especial. Mas, por causa do nosso desejo e do livre-arbítrio, podemos nos desviar do tao e perturbar o equilíbrio harmonioso do mundo. Viver uma vida virtuosa significa agir de acordo com o tao (SIVIN, 2005).

No entanto, seguir o tao não é uma questão simples, como o Tao Te Ching reconhece. Filosofar sobre o tao é inútil, visto que ele está além de qualquer coisa que os humanos possam conceber. É caracterizado pelo wu ("não ser"), de modo que só podemos viver segundo o tao por meio do wu wei, ou seja, da "não ação". Com isso, Lao-Tsé não prega o "não fazer", mas, sim, o agir de acordo com a natureza espontânea e intuitivamente. Isso acarreta agir sem desejo, ambição ou submissão às convenções sociais (CHENG, 2019).

O tao é eterno e imutável. A vida é que apresenta desvios sinuosos para se manter firme no caminho, os indivíduos precisam se desapegar de preocupações materiais e de emoções perturbadoras, como a ambição e a raiva. Devem, ao contrário, levar uma vida simples e pacata, agindo espontaneamente e em harmonia com a natureza, ignorando os impulsos do eu. Este é o conceito do wu wei, ou inação, inerente ao tao. Como está escrito no Tao te ching. "Quando nada é feito, nada fica por fazer". No dia a dia, Lao Tsé dava grande ênfase às virtudes que motivam o wu wei. humildade, submissão, não interferência, passividade e desapego (MOELLER, 2014).

"As maiores conquistas da humanidade não foram feitas com grandes ações isoladas, mas com pequenos esforços diários que, quando somados, transformam o mundo."
(LAO-TSÉ, 2018, p. 113).

A sabedoria de Lao Tsé vinha da longa contemplação da natureza do universo e seus elementos, que na filosofia chinesa são o yin e yang. O yin compreende tudo o que é escuro, úmido, mole, frio e feminino, e o yang, tudo o que é luminoso, seco, quente e masculino. Tudo é feito de yin e yang, e a harmonia é alcançada quando os dois elementos são mantidos em equilíbrio. No taoísmo, esse equilíbrio é buscado na mente, no espírito e no corpo, por meio de práticas como a meditação e o tai chi: exercício físico e mental para equilibrar o fluxo de qi, a força de vida, no corpo (SHUN, 2004).

"A natureza segue o seu próprio ritmo, sem pressa e sem interrupções, e, ainda assim, todas as coisas acontecem no tempo certo e se completam de maneira perfeita." (LAO-TSÉ, 2013, p. 65).

No período da dinastia Han (206 a.C.-220 d.C.), a filosofia taoista tornou-se uma religião. Suas práticas de meditação passaram a ser ensinadas para guiar os adeptos à imortalidade. No Tao Te Ching, a ideia de imortalidade não é apresentada literalmente. Alguém que aceita completamente o tao atinge um plano acima do material e alcança a imortalidade pelo desapego. Mas a afirmação de que, para o sábio, "não existe o plano da morte" foi interpretada literalmente pelos seguidores do taoísmo, que acreditavam na imortalidade real por meio da aceitação do caminho (CHENG, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A influência de Confúcio e Lao-Tsé ainda perduram a filosofia e cultura chinesa contemporânea. As ideias de Confúcio serviram como base para gestão estatal, além de relações interpessoais. Já, Lao-Tsé firma sua filosofia quanto ao modo chinês de agir e pensar, o que de fato, são referidas aos preceitos do tao. Interessantemente, apesar das suas particularidades, ambas filosofias são complementares, e dão desígnios para a identidade cultural chinesa.

REFERÊNCIAS

CHENG, A. **História do Pensamento Chinês**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

CONFÚCIO. **As Lições do Mestre Kong**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

_____. **A Filosofia de Confúcio: Comentários e Reflexões**. Lisboa: Gradiva, 2014.

_____. **Os Ensinos de Confúcio**. Tradução de James Legge. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

_____. **Analectos**. Tradução de D.C. Lau. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

_____. **O Clássico da Harmonia Social**. São Paulo: Martins Fontes, 2021.

FUNG, Y. **A History of Chinese Philosophy**. Princeton: Princeton University Press, 1952.

HANSEN, C. **A Daoist Theory of Chinese Thought: A Philosophical Interpretation**. Oxford: Oxford University Press, 1992.

LAO-TZÉ. **Tao Te Ching**. Trad. D.C. Lau. London: Penguin Books, 2009.

_____. **A Essência do Taoísmo: Lições para o Mundo Moderno**. Lisboa: Gradiva, 2013.

_____. **Os Princípios da Vida em Harmonia com o Universo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LESTER, R. **Confucianism and Its Modern Relevance**. New York: Routledge, 2017.

MOELLER, H. **Daoism Explained: From the Dream of the Butterfly to the Fishnet Allegory**. Chicago: Open Court, 2004.

NIVISON, D. S. **The Ways of Confucianism: Investigations in Chinese Philosophy**. La Salle: Open Court, 1996.

SCHWARTZ, B. **The World of Thought in Ancient China**. Cambridge: Harvard University Press, 1985.

SHUN, K. **Moral Self Cultivation: Confucian and Daoist Perspectives.** Oxford: Oxford University Press, 2004.

SIVIN, N. **Science and Civilisation in China.** Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

YU, A. C. **Comparative Journeys: Essays on Literature and Religion East and West.** New York: Columbia University Press, 2008.

ZHANG, L. **From Comparison to World Literature.** Albany: SUNY Press, 2015.